

Illustração PORTUGUEZA

DIRECTOR:
CARLOS MALHEIRA DIAS
DIRECTOR ARTISTICO:
FRANCISCO TEIXEIRA

PROPRIEDADE DE
J. J. DA SILVA GARCIA

Redacção, Adminis-
tração e Officinas de
Composição e Im-
pressão
Rua Formosa, 43-LISBOA



A PRINCEZA PATRICIA DE CONNAUGHT

O que acontece a quem não compra no

CHIC PARISIENSE

CAMISARIA PORTUGUEZA
GUIMARÃES & LELLO
34, Rua de Santo Antonio — PORTOCompleto sortimento em roupa branca para senhora e homem
Exatíssimos para casamento, baptizados e collégias
GRANDES ATELIERS

ENVIAM-SE CATALOGOS E AMOSTRAS A QUEM REQUISITAR

NOUVEAU PARFUM VIOLET
29, Bd des Italiens — PARIS

PRINCEIA

LOCAO DEQUEANT

CABELLO
BARBA
PESTANAS
SOBRANCELHASUnico producto scientifico apresentado na *Academia de Medicina de Paris* contra o mterioio da Calvicie e todas as affeções do couro cabeludo
L. DEQUEANT, Pharmacien, 38, Rue Gilgancourt, Paris
Em LISBOA, 15, Rua dos Zapateiros, a quem devesse dirigir para todas as informações gratuitas
A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGALCOMPANHIA
DO
Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL:

Ações.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortização.....	266.400\$000
Réis.....	950.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianinha e Sobrerinho (Thomar), Penedo e Casal de Hermio (Louzã), Valle Maior (Albergaria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispoendo dos machinismos mais aperçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qual.dade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e emprezas nacionaes.

Escritorios e depositos:

LISBOA—270, RUA DA PRINCEZA, 276

PORTO—49, RUA DE PASSOS MANUEL, 51

Endereços telegraphicos: Lisboa, Companhia Prado—Porto, Prado

Numero telephoico: Lisboa, 605—Porto, 117

Ourivasaria "CHRISTOFLE"

Uma Sò e Unica Qualidade

A Melhor

Para obtela e tambem
EXIJA-SE esta Marcao Nome "CHRISTOFLE"
sobre cada peça.

Meio seculo de successo

ESTOMAGO

O Elixir do D. Mialhe

de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente.
GASTRALGIAS, DYSPESIAS.A' venda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil
Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart Paris

J. Ferrera & Comp.

Commissões e consignações

27, Praça Tiradentes, 27

Telephone 698 — Caixa 701 — Codico Ribeiro

Telegraphico: Triangulo. Entregas a domicilio—Rio

Vinhos, aguas mineraes, aguar.dente, conservas, etc. em Nictheroy. Filial: Avenida Rio Branco, 147. Recebem-se cargas para Nictheroy e vice-versa pela filial S. Geraldo. Depositarios da Corvejeria «Brahma». Rio de Janeiro

PRISÃO DE VENTRE

O unico remedio prescripto por todos os medicos para a cura da *Prisão de Ventre* e de suas *consequencias* é a **CASCARINE LEPRINCE** (uma ou duas p. ultas de tarde ao jantar).

Em todas as Pharmacias. — EXIGIR SEMPRE o NOME impresso em cada nila

NO PAIZ DOS PHARAÓS

Por uma bella manhã do mez de fevereiro, um grupo de rapazes, alegres, avidos de impressões, inteligentes para as comprehenderem, tomavam o comboio que de Port-Saïd se dirige ao Cairo, atravez do extenso valle do Nilo.

Correndo parallelamente ao canal de Suez até Ismailia, desvia-se ali d'elle, internando-se um pouco para tocar em povoações importantes antes de chegar á grande capital do Egypto. A' direita dorme silencioso o lago Menzaleh, immenso, pouco profundo, frequentado por numerosos bandos de pelicanos e flamengos cõr de rosa. A' esquerda, essa obra gigantesca, — o canal de Suez — que abriu um novo cami-



1—Mather arabe do Cairo. 2—Uma rua em Port-Saïd



nho para o Oriente, através d'um Oceano de areia, onde um movimento incessante de navios que vão e que voltam proporciona um espectáculo verdadeiramente interessante.

A 45 kilometros, paramos em Kantara, que marcava outr'ora o caminho seguido pelas caravanas que se dirigiam do Egypto para Meca.

Chegamos a Ismaïlia, povoação relativamente limpa e cuidada, assente na margem do Canal. Aqui o comboio desvia-se d'ella e começa a atravessar um deserto d'areia, que se estende até á estação de Tel-el-Kibir, logar historico, por ser ali que em 1882 se feriu a grande batalha entre egypcios e inglezes.

Zagazig e Benha são outras povoações importantes nas margens do Delta, mas tambem de apparencia pobre.

Pouco depois, envolvidos em uma especie

de nevoeiro, começam a desenharem-se ao longe os contornos da grande capital do Egypto, distinguindo-se primeiro os elevados minaretes das suas numerosas mesquitas, e depois um amontoado de edificações, cujas fórm as he vão pouco a pouco tornando nitidas. A' 1 hora da tarde, o comboio entrava na estação do Cairo.

Seguimos para o Eden Palace Hotel, na Praça de Ibrahim-Pachá, um confortavel hotel, como são todos os d'esta cidade, onde se reúne toda a *jeunesse dorée* dos paizes estrangeiros que aqui vem vér os monumentos d'este maravilhoso paiz ou gozar da pureza do ar e da amenidade do clima.

No meio d'esta digressão alegre e animada, apparece o Drogman—guia que nos in-



1—Uma caravana atravessando o Canal de Suez, com destino a Meca
2—O palacio do Khediva em Ismaïlia



dica todos os logares dignos de interesse e ahí nos acompanharia.

Mas, tomados os trens necessarios, sahimos em visita á cidade. Esta divide-se em duas: a cidade européa e a cidade arabe; aquella que com o progresso da civilisação que lhe impuzeram se transformou n'uma cidade bella e grandiosa; esta que se vae definhando pelo decorrer dos tempos, absorvida pela primeira.

Tudo vae desaparecendo n'este encantador paiz!

Aos bazares, ás ruas, ás praças roubaram-lhes o encanto que desde a mais remota antiguidade as enobrecia.

Prosigamos na nossa peregrinação e entremos no bazar, isto é, no que resta do primitivo Egypto.

Compõe-se d'uma encruzilhada de ruas es-

treitas, cujas casas em estylo arabe, com os seus terraços e balcões, a cahirem de velhas, pouco cuidadas, parece desmoronarem-se. Por vezes dá a impressão d'uma cidade em ruinas.

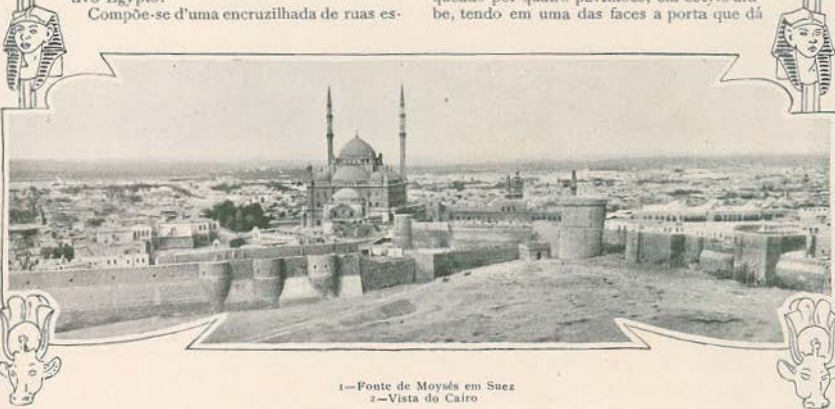
Ao desembocar d'uma rua, o drogaman faz parar os trens dcante d'um vasto edificio oriental.

E' a Mesquita do Sultão Hassam.

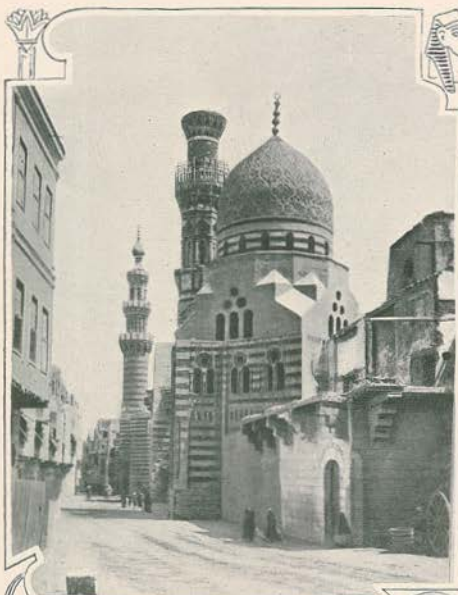
Subidos alguns degraus, paramos deante d'uma porta monumental de 22 metros d'alto.

Antes de a transpormos, uns guardas do templo emfiam-nos nos pés umas alpercatas de palha, para podermos pnetrar n'elle sem o profanarmos com o pó das ruas.

Transposta esta gigantesca porta, entramos n'um pateo todo lageado de marmore, flanqueado por quatro pavilhões, em estylo arabe, tendo em uma das faces a porta que dá



1—Fonte de Moysés em Suez
2—Vista do Cairo



dem numerosas stalactites. Exteriormente, a cupula do santuario e o minarete que mede 86 metros d'alto, que é o mais elevado das mesquitas do Cairo, é d'uma solidez notavel, resistindo a um abalo de terra, o que não aconteceu ao outro minarete que, por effeito do mesmo abalo, cahiu, sepultando debaixo dos seus escombros 300 orphãos estudantes, sem se salvar um, esmagados pelo desabamento d'aquella immensa molle de pedra.

A certa altura do minarete está uma galeria, aonde no silencio da noite o Muezin grita em voz sonora — Vale mais resar do que dormir — e outras sentenças cheias de fervor religioso.

O ponto mais culminante do Cairo é aonde está edificada a Cidadella, essa fortaleza vasta e gigantesca, construida com blocos tirados da pequena pyramide de Gizeh, formando um systema de fortificações com que Saladino, seu fundador, quiz proteger e defender o Cairo.

Dá a impressão d'uma cidade dentro d'outra, tão vasta ella é; hoje é occupada por todo o elemento militar do Cairo e por muitas dependencias officiaes do governo, como fundição de canhões, fabrica d'armas, imprensa, casa da moeda, arsenal, palacios, ministerios e a imponente mesquita de Mohamed-Aly, chamada tambem Mesquita de Alabastro.

Mas quem era Mohamed-Aly? Nas-

entrada para o santuario. No meio ergue-se um pavilhão com a fonte para as ablucões antes de começarem as predicas, coberto por uma cupula de madeira pintada de azul, com uma faixa de letras douradas e encimada por um crescente de metal amarello. E' n'este pateo que se reúnem os crentes para ouvirem as predicas do seu sacerdote, que se colloca n'um pulpito ao lado da porta.

Entrando no santuario que representa a forma d'uma cruz, por uma ampla porta cheia de incrustações d'ouro e prata, e percorrendo-o com a vista, recebe-se uma impressão deslumbrante e intensa, tanto no templo como na camara sepulchral, pelo rendilhado dos seus labores, pela profusão de candelabros e alampadas, que pendem do tecto, pelos finos tapetes da Persia, que cobrem o pavimento, pelo magestoso Mihrab ou nicho, ricamente esculpurado, logar destinado ao fundador da Mesquita, pelo pulpito com a escada na direcção de Meca, cheio de incrustações com uma rica estante para a collocação do Al-Korão.

Tudo dentro d'aquelle recinto é grave, magestoso e harmonico.

E' impossivel formar idéa da impressão da magestade da sala quadrangular, em cujo centro se encontra o sepulchro.

Cobre o santuario uma cupula de 55 metros d'alto, firmada nos quattros angulos sobre o supporte de columnas, e de cujo tecto pen-



1 — O bairro arabe do Cairo e a mesquita do sultão Hassan
2 — Mu'heres arabes de Port-Said



O interior da mesqui-

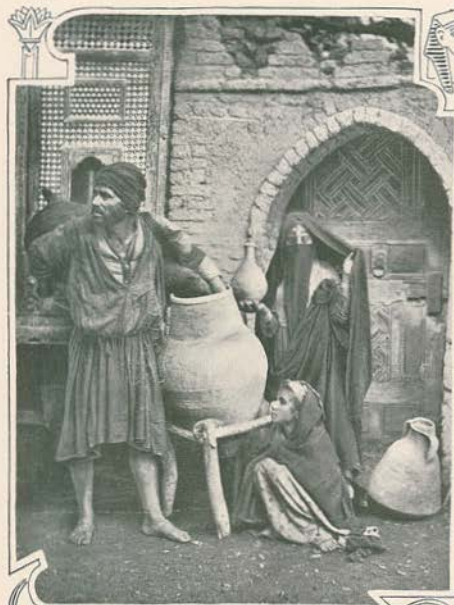
ta de Mohamed-Aly

cido em Cavala, na Macedonia, filho de paes remediados, dedicou-se primeiro ao commercio, mas, dotado d'um espirito intelligente e aventureiro, deixou o commercio para acompanhar como soldado as tropas que se enviaram ao Egypto contra o exercito francez.

Tomando-se notado pelo seu valor nas diferentes batalhas que se feriram, foi elevado ao posto de coronel e admittido na confiança do governador. Intelligente como era, e tendo alcançado uma grande preponderancia sobre o povo, convenceu-se que mais dia menos dia o governo vi-

ria a cahir nas mãos dos mamelucos que então occupavam altos cargos no Cairo e nas outras provincias, praticando toda a sorte de exações e vexames sobre o povo. Prevendo o desastre que d'ahi viria para o Egypto concebeu um plano de exterminio d'aquelles que tão mal tratavam o seu povo. Para isso convidou todos os beys, em numero de 480, para uma festa na Cidadella.

Vieram elles em vistosa cavalgada, reunindo-se fóra da porta de Bab-el-Azab. Logo que penetraram no estreito corredor que serve de entrada, flanqueado por altas muralhas, ouviu-se um tiro de canhão, si-



A cupula central deixa vêr rendilhados riquíssimos em alabastro e madeira com finos marchetados, e das quatro cupulas lateraes, mais baixas e mais pequenas, pendem centenas de correntes segurando alampadas envolvendo n'um círculo formado por ellas ricos candelabros de crystal, de enorme grandeza, que illuminam a luz electrica. Junte-se a isto as vistosas sentenças extrahidas do Al Korão, gravadas em grandes letras douradas nas paredes, e facilmente se comprehenderá o effeito surpreendente causado pelo reflexo das luzes dos vistosos candelabros nas paredes da mesquita.

As alcatifas que tapetam o pavimento são bellos exemplares de *carpets* persas, sobre os quaes se vêem alguns crentes de joelhos fazendo as suas orações.

O exterior da mesquita é notavel pela grandeza dos seus zimbórios e pelos dois altos minaretes, terminados por um crescente de metal amarello, que se avistam de muito longe, antes de chegar ao Cairo.

Pois é dentro d'esta magnificante mansão de marmore e alabastro que dorme o seu somno eterno o homem a quem o Egypto deve a sua libertação da oppressão dos mamelucos, a quem se deve a actual dynastia, que elle fundou á custa d'um esforço inaudito. Dorme n'um riquíssimo mausoleu de alabastro branco, que se encontra ao

gnal convencional para começar a fuzilaria. De todos os lados sabiram balas d'exterminio, não deixando um unico mameluco com vida. Terminada a horrorosa tragedia, ficou o Cairo livre dos seus oppressores. Faltavam os das provincias; foram todos assassinados.

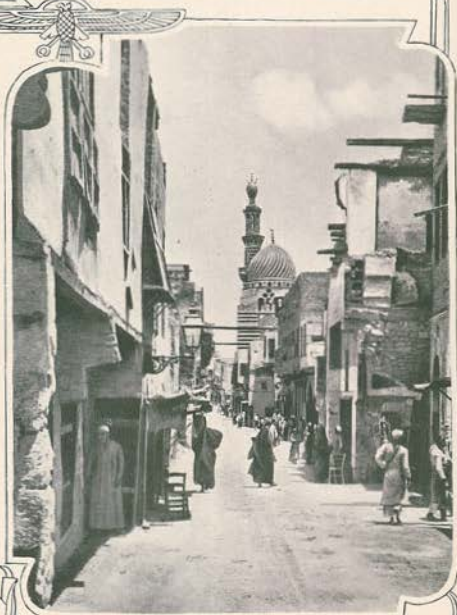
Tomando então a direcção dos negocios publicos, deu-lhe paz e prosperidade, fundando a dynastia actual.

Já velho e alquebrado, abdicou em seu filho Ibrahim, nomeando herdeiro Halim-Pachá.

Penetremos dentro d'ella e admiremos a sua magnificencia.

Passada a porta monumental, entra-se no pátio rodeado de bellas arcarias de marmore, tendo no meio um pavilhão com uma fonte que serve para as abluções dos crentes, e um relógio dado a Mohamed-Aly pelo rei Luiz Philippe. O pavilhão é todo de marmore, d'uma elegancia extrema e d'um trabalho architectonico digno da mesquita. Junto da porta que dá para o sanctuario está o pulpito todo de marmore amarello. A porta é larga e toda incrustada de ouro e prata.

Nada ha mais surpreendente do que o interior do sanctuario. Todas as columnas e paredes são feitas de a'bastro amarello, o pulpito para o qual se sobe por uma escada de marmore, voltada para Meca, é d'um trabalho inexcédível.



1—O aguadeiro egypcio
2—Uma rua do velho Cairo



lado direito da porta principal em capella especial, vedado ao publico por uma cancella de riquissimo trabalho.

Junto a esta mesquita existe outra mais pequena e modesta, que data da construcção da cidadella.

Fóra da mesquita ha um poço, chamado o poço de José, que mede 100 metros de profundidade, que outr'ora servia para alimentar d'agua a guarnição da cidadella, agua que era tirada por uma nora por bois possantes. Hoje está secco.

O Drogaman aconselhou nos a ir vêr a Dança do Ventre, ao Eldorado.

Na parte posterior do palco, em fofos coxins sentam-se os musicos com os seus instrumentos indigenas e as cantadeiras, de rosto velado pelo tradicional *burko*.

A' frente posta-se a dançarina, que por vezes se apresenta com a barriga nua, na extensão d'um palmo, de modo a vêr-se-lhe só o umbigo. Ao som da musica e do canto começa esta a balançar docemente o corpo, inclinándose successivamente d'um lado para o outro com uma ondulação pouco perceptivel.

Os tam-tans e as flautas acompanham lentamente e em surdina esse leve estremecimento do corpo, mas pouco a pouco o rythmo accelera-se, as pancadas nos tam tans são mais vibrantes e o som das flautas mais agudo. Ao mesmo tempo, os movimentos do corpo tornam-se mais amplos, ganham o peito, enquanto que os braços levantados e lançados para traz da nuca como as azas d'uma amphora sustentam a cabeça.

O ventre então agita-se com uma especie de giro em volta do umbigo; os quadris parecem mover-se em torno d'este centro vivo e as contracções fazem correr arripos na pelle fina.

De tempos a tempos a barriga, bombeada, cava-se por effeito d'uma profunda inspiração.

Os musicos aceleram o compasso, os tam-tans e as flautas juntam as suas vibrações ao concerto, e a dançarina, como que dominada por uma excitação crescente, estende os braços, e o ventre move-se com uma ligeira inaudita.

A ondulação ganha todo o corpo, sem todavia perder a primitiva attitude, mas todo elle treme e vibra ao som d'aquella orchestra ensurdecedora.

De repente, os musicos deixam de tocar para darem gritos que levam ao paroxysmo o enervamento da dançarina. E n'este momento param os

movimentos do corpo, e só o ventre vibra e gira, projectando-se de tempos a tempos para deante, vibrando sempre, até que, extenuada, a dançarina cae, dando um grito, em um dos coxins collocados na scena. Simplesmente phantastico!

DR. GONÇALVES PEREIRA.



1—Os tumulos dos Mamelcos
2—A dança do Ventre

A VIAGEM REAL

EL-REI EM LONDRES



1—El-Rei com os srs. marquez de Lavradio e visconde de Assezca passeando em Hyde-Park
2—El-Rei e lord Granville entrando para a legação de Portugal



ACHEGADA A FRANÇA



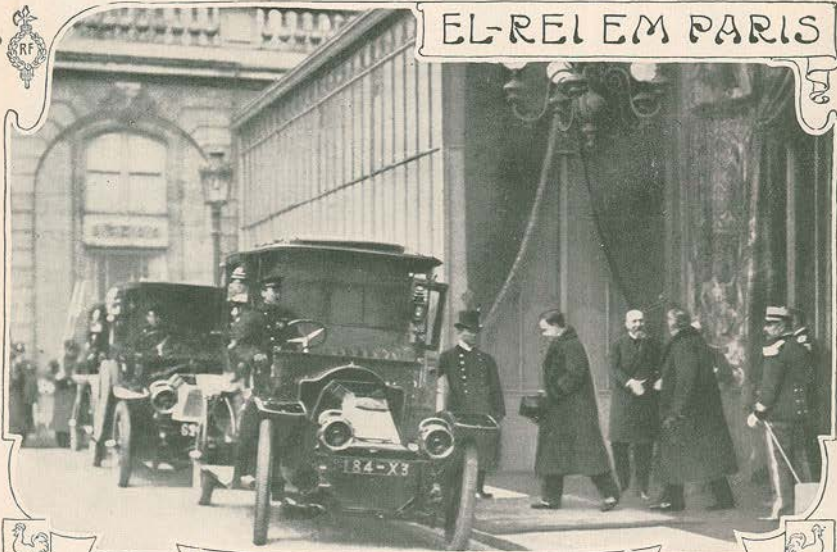
O rei de Portugal chegou a Paris no dia 27 de novembro, desembarcando na *gare* do norte. No dia seguinte foi ouvir missa á igreja da

Magdalena, recebendo a visita do presidente Fallières, retribuindo-a horas depois. Assistiu ás corridas em Auteuil e á noite ao banquete no



1—O rei a bordo do «yacht» *Alexandra*, na chegada a Calais.
2—O desembarque em Calais. (Clichés BRANGER)

EL-REI EM PARIS



Elyseu onde se trocaram affectuosos brindes. No dia 1 o sr. D. Manuel visitou os museus do Louvre e Carnavalet, almoçando na lega-

ção de Portugal, depois do que visitou os Invalidos, onde se demorou algum tempo deante do tumulo de Napoleão I.



1—El-rei saindo do Elyseu, da sua visita ao presidente da Republica. (Cliché NYU)

2—El-rei saindo da egreja da Magdalena, onde ouviu missa. (Cliché DELIUS)

A CAÇADA DE RAMBOUILLET



- 1—Na gare de Rambouillet
- 2—O presidente Fallières e o rei D. Manuel dirigindo-se para a caçada.
- 3—El-rei despidindo a pellicia
- 4—O presidente Fallières preparando-se para a caça.

Em 30 de novembro o rei e o presidente da republica foram caçar a Rambouillet, sahindo de automovel do hotel Bristol para a estação dos Invalidos. Chovera muito na vespera. os terrenos estavam alagados, o vento soprava com força. Mas ainda assim os dois chefes de Estado não desistiram da diversão que estava no programma dos festejos. O soberano





—El-rei caçando: Os primeiros tiros
 2—A pontaria do presidente
 3—Um momento de tregua para a caça.

abateu sessenta e um faisões, duas perdizes e trinta e cinco coelhos, alguns dos quaes enviou a um pequenito que lhe escrevera a seguinte carta: «Sou pequeno. Meu pae é velho e está muito doente. Sabendo que Vossa Magestade vae hoje caçar peço-lhe que me dê algumas





1—O presidente Fallieres, marquez de Fayal, o ministro de Portugal em Paris, El-rei, e Briand. 2—Os batedores 3—El-rei aivejando a caça

das peças abatidas. O presidente da republica offereceu ao rei de Portugal toda a caça morta, sendo muitas das peças mandadas para Lisboa. Nos intervallos da caçada o sr. D. Manuel falou com o presidente do conselho de ministros, sr. Briand, que não poude ficar até final da diversão em vista de ter que





- 1—El-rei e o presidente Fallières, tendo à esquerda o sr. Briand
- 2—Caçando por entre o matto
- 3—El-rei conversando com o presidente do conselho

assistir á sessão do senado. Durante o *lunch* foi exposta junto aos jogos d'agua a caça morta. O *maire* de Rambouillet, á entrada do soberano no castello, deu-lhe as boas vindas, recordando as vezes que o rei D. Carlos ali estivera e fazendo votos pela prosperidade de Portugal.



LA REINE FIAMMETTE EM S. CARLOS



Madame Vallandri na *Reine Fiammette*

Está a terminar a temporada franceza de S. Carlos; e como o anno passado é com os accordes fascinadores da musica de Leroux, entre calorosos applausos, que ella termina. Era o anno passado o drama sombrio do *Caminheiro*; é agora o poema de sonho da *Rainha Fiammetta*. Hontem, as humildes figuras ruraes de Richepin; hoje, as espectaculosas figuras de ballada de Catulle Mendés. E hoje como hontem é ao triumpho ruidoso da arte franceza, n'essa scena secular de S. Carlos, durante tantos annos hypothecada á arte italiana, que todos assistimos.

O successo da *Rainha Fiammetta* foi ainda maior, se é possível, do que o do *Caminheiro*. Sem as suas inspiradas vehemencias e sem a sua dominadora emoção, ella lisongeu, pelo deslumbramento dos scenarios, pela opulencia da guarda-roupa e pelo seu dramatico lyrismo essa irresistivel attracção pelo decorativo em que o repertorio romantico educou o publico de S. Carlos.

A *Rainha Fiammetta* é um assumpto excepcional para uma opera. O talento de Leroux soube adivinhá-lo com uma precisão admirável, e á sua partitura deve Catulle Mendés a gloriosa sobrevivencia da sua obra. Primitivamente destinada a Sarah Bernhardt, e representada pela primeira vez em 1886 no *Theatro Livre*, onde o grande poeta a entregára a convite de Antoine, a deliciosa phantasia lyrica, despojada de todos os luxos essenciaes de *mise-en-scène*, não obteve senão um mediocre successo. Mais tarde o *Odeon* fel-a renascer, dando-lhe o apparatus ambiente que ella reclamava, e para essa *reprise* Paul Vidal escreveu alguns trechos musicaes, simplesmente accessorios. Foi então que Leroux, considerado até esse dia em

França como um compositor ruidoso, apaixonado pelas violencias, acostumado a desencadear tempestades orchestraes, se apaixonou pelo assumpto da *Rainha Fiammetta* e comprehendendo tudo quanto o lyrismo de um tal poema poderia inspirar de delicadezas n'uma vasta composição musical, propôz a Catulle Mendés o condensar n'um libretto de opera o seu drama lyrico. O publico de S. Carlos viu o que produziu a alliança dos talentos de Mendés e de Leroux. A *Rainha Fiammetta* é o mais delicioso dos contos dramatisados e nunca uma partitura mais cheia de melodiosos rythmos acompanhou libretto de mais harmoniosos versos. E' difficil distinguir qual dos dois é mais poeta: se o compositor, se o librettista. Por cada rima argen-





Uma ha uma phrase musical encantadora. E' um dueto de inspira-
 ção e de graça, de ternura e de encanto, de beleza e de elegancia.
 A reprodução que damos de algumas das suas preciosas da
Rainha Fiammetta com certeza ha de despertar a maior curiosidade

nos leitores que não puderam assistir as recitas de R. Carlos. Va-
 mos tentar narra-lhes, embora com a consciênça de uma breve no-
 ticia, o arripiço do admiravel poema lyrico.
 Passa-se a açção n'uma reino magiarico de Boloña, n'essa Italia

fragmentada do seculo XVI, onde eram tantas as côrtes e tantas as
 prisões. All reina uma encantadora soberana, amorosa, volúvel
 e caprichosa: a sua pequena rainha sem juizo mas de terno cora-
 ção, que se conhece como lei o seu capricho e que nada lhe fo-



cilmente de amante como de vestido, apesar de ter elevado até ao throno, n'um dia de fraqueza amorosa, por um casamento legitimo, uma especie de aventureiro, de origem obscura e de ambição illimitada. E' este aventureiro que a Santa Sé intenta substituir no throno á rainha Orlanda, cuja vida de

voluptuosidade desordenada é um escandalo. O cardeal Sforza é incumbido de executar o plano pontificio. Mas, chegado a Bolonha, o cardeal decide facilitar terrivelmente a sua missão pelo assassinio e confia o seu projecto sinistro ao proprio marido da rainha. Giorgio d'Ast approva-o. Não será



1—O 1.º acto da *Reine Frammette*. 2—O 2.º acto da *Reine Frammette*.



pela rainha e sacrificado depois de uma noite de amor. Mas este noviço vingador tem uma apaixonada que consegue vencer a sua virtude.

E é essa mysteriosa amante que Daniello conta a ter-
 rival tarefa de que foi encarregado pelo cardeal Sforza, ignorando que ella é precisamente a victima que tem de executar. Chega o dia da festa e da execução. Reconhecendo na rainha a sua amante, Daniello arremeça o punhal, recusa-se a mata-la. Posto a ferros, a rainha assigna a sua deposição para o salvar, resignando o throno por aquelle amante que devia ser o seu algoz. Mas o cardeal não perdôa. Condemnou-a á morte e a pobre rainha Fiammetta morrerá. Na hora suprema, antes de caminhar para o supplicio, mandam-lhe um frade para a confessar. E o frade é Daniello. Este sabe agora que a rainha está innocente da morte do irmão e que Sforza inventou essa historia sinistra para o impellir ao assassinio. O frade apaixonado increpa o cardeal pela sua tenebrosa calunnia e ousa ameaçal-o. Então, para acabar de vez com o longo drama, Sforza resolve que Daniello seja executado com a rainha e ambos caminham unidos para a morte. Como no drama, ha duas partes distinctas na partitura de Leroux. Uma toda de graciosidade e de alegria espirituosa, que se estende até metade do 2.º acto. Outra toda de sentimento, de ternura e de paixão, que comprehende quasi toda a segunda parte da opera.

elle o beneficiario do crime? Não é para elle que o Papa destina a corôa de Bolonha? E tudo se concerta para o regicidio. A rainha será assassinada entre as alegrias de uma festa, nos jardins do seu palacio; e para a matar o cardeal vae procurar a um convento um noviço fanatico, a quem conta que o irmão, cuja perda elle chora, foi raptado



1—5.º acto: A abdicação. 2—Xavier Leroux. 3—Catulle Mendès. 4—Mimon Anahory.
 5—O 5.º acto da *Reine Fiammette*: a caminho do supplicio



Ha bastantes annos, quando ensalava os meus primeiros clichés, andava eu no parque das Caldas, em cata de assumpto.

Brincava n'uma alameda um rancho de petizada e, por entre a folhagem das arvores velhas (por milagre escapadas á matança), o sol projectava manchas brancas, illuminando o grupo *pela frente*, nimbando de rapidas aureolas as figuras

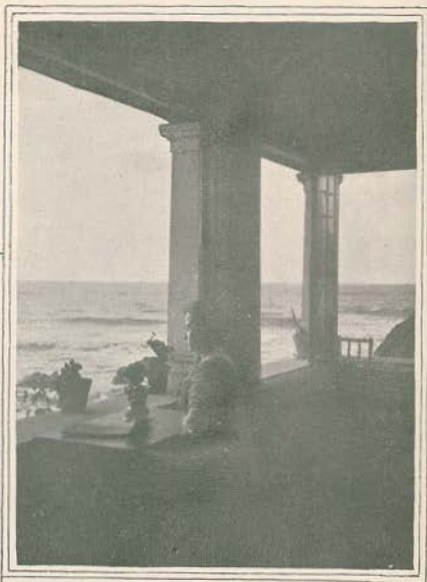


Photographia Moderna

— COM CLICHÉS
INÉDITOS
DO AUCTOR —



dos babinos e fazendo-as destacar na penumbra, sobre a massa escura do arvoredo. Certamente esse effeito se afigurou interessante á minha inexperiencia de principiante, e dispuz-me a focar as crianças. N'esta occasião, um sujeito de meia idade, que assistia á minha empreza sem que eu o houvesse notado, chamou á minha attenção, complacente, sorrindo. . . Era um portuguez-brazileiro, como m'o indicou o sutaque dolente da sua linguagem, e andava, como eu, de kodak na mão, fazendo photographia n'essa bella manhã. Apiedado da ignorancia do mocinho, aquelle sujeito aconselhou-me a que desistisse do grupo nas condições em que elle via que eu me propunha fazel-o. E



1—Retrato rindo. 2—Retrato ao sol posto.
3—Pôr do sol. †

agradado do silencio deferente com que eu o ouvia, o mestre acabou por me apetrechar com uma sentença profunda, que eu, a esta distancia de 13 ou 15 annos, posso reproduzir textualmente:

— Para se photographar bem, é preciso ter o sol nas costas.

Não me lembro já como agradecl ao estimavel senhor a liberalidade dos seus conselhos, coroados pela grande synthese da sua maxima. †



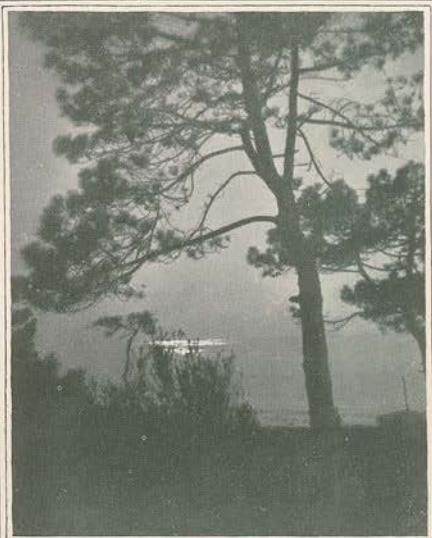
beer», como dizia o querido Heine. E' elle ainda quem achincalha com o nome de *arte nova*, conhecendo-o das caixas dos perfumistas, o admiravel renascimento do estylo moderno, que começa a vivificar e a commover todas as manifestações da arte do nosso tempo, reatando e renovando tradições estheticas mui caras ás nossas almas, e cujo fio se havia perdido em seculos de academismo gelado.

Mas o que o digno senhor vinha a dizer na sua era simplesmente que a minha photographia, nas condições de iluminação em que eu me propunha executar-a, não saíria um *documento*. Não se reconheceriam, talvez, de maneira a logo individualisal-as, as feições das crian-

Mas recorde-me bem que o espirito da sentença me perseguiu durante bastante tempo, e que sempre que apontava o meu aparelho, verificava cuidadosamente se acaso tinha, como devia de ter, o sol nas costas.

Ora, á minha adolescencia ingenua esse bahnista vulgar não attingiu a proporção miguelangesca que o meu espirito lhe empresta agora. Esse cavalheiro de jaquetão de flanela e chapéu de palha, tão prodigo em espalhar aos ouvidos dos que não faziam *como elle* o thesouro das suas opiniões, esse sujeito aparentemente tão banal, era — e tremulo o reconhecimento agora — a imagem, a um tempo mole e feroz, do preconceito! Todos sabem um pouco da sua historia, e quanto ella é longa e temerosa...

Foi elle, por exemplo, quem chamou ao preludio do *Lohengrin* o ensaio de um órgão, feito por um organista inexperiente, e n'essa mesma noite applaudiu a «colica lyrica de Meyer-

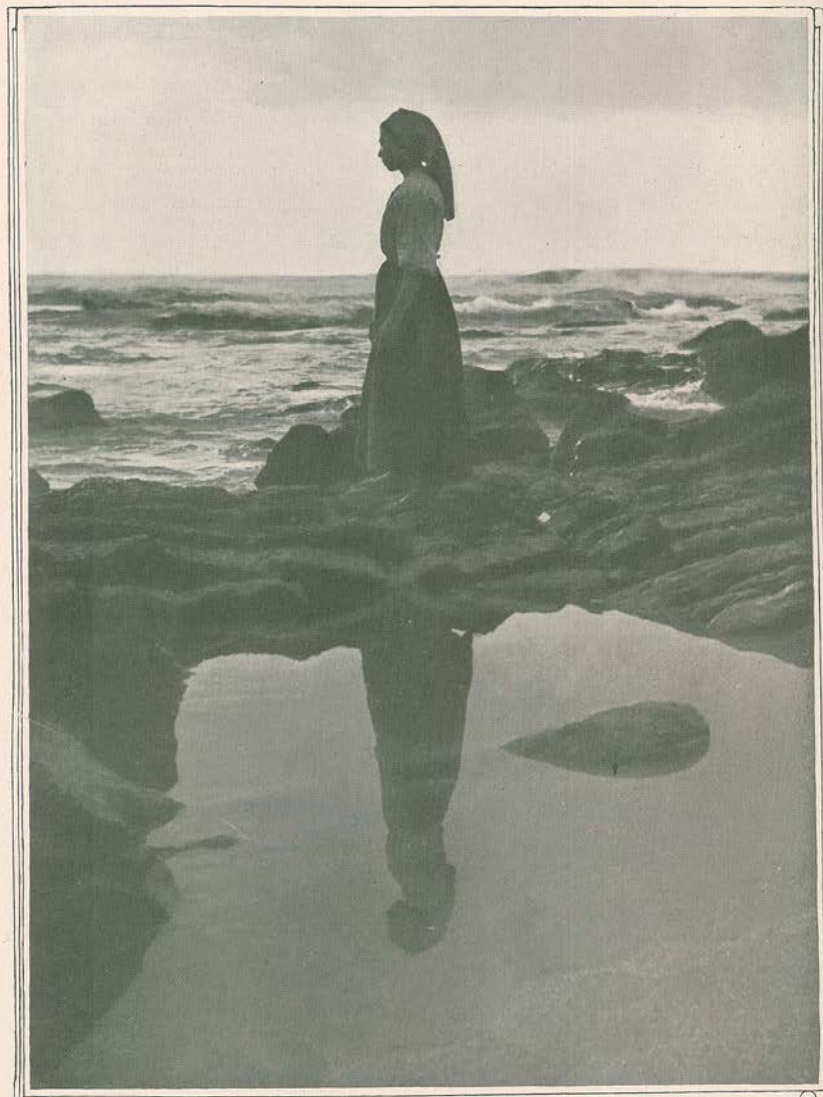


1—Partida para o mar. 2—Paisagem ao pôr do sol.
3—Pequeno retrato do infinito

ças; nem se contariam a uma por uma as pintinhas dos seus bibes... E o que eu não soube então retrucar-lhe, foi que de entre todas as iluminações possíveis a escolher, a que elle me propunha era precisamente a menos recommendavel. Porque o que nós devemos desejar quando fazemos um cliché é que elle seja o mais possível—*deseño*. E foi exactamente a *fadiga do documento* (de que, pode dizer-se de um modo geral, o nosso tempo adoeceu) que lá desacreditando a photographia aos olhos dos artistas¹. O excesso de documentação em photogra-

1. A documentação pela photographia adquiriu recentemente um valor excepcional com o processo facil das côres. E' de sup pôr, porém, que será no campo scientifico que ella prestará serviços preciosos.

No tempo do daguerreotypo um critico notou que a descoberta



Sombra nas águas

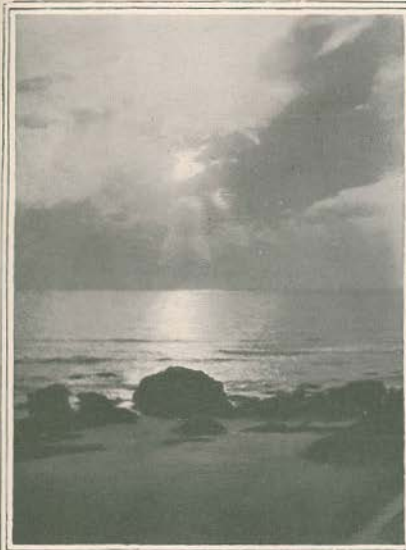
phia manifestou-se na minucia crua dos detalhes friamente iluminados, na seccura dos

viera demonstrar que a arte não apenas a reprodução da natureza.¹

No nosso tempo, póde dizer-se que as chapas aut chromo corroboraram que as cores não são, de fórr alguma,— a *có*r.

assumptos machinalmente reproduzidos e, sobretudo, na ausencia do *vago*, elemento poetico imprescindivel em toda a obra de emoção,— esse cantinho de penumbra onde a alma de quem olhe se emmarante: sonhando, adivinhando e completando o que





1—Pôr do sol. 2 —Vista da casa do capítulo na Batalha

vê. Mas o renascimento contemporaneo creou-lhe tambem horizontes ineditos, e já a espiritualisou ao ponto de hoje ninguem poder duvidar das suas altas qualidades estheticas, sobretudo depois que ninguem

sabe o que seja Arte com A grande, e se accentua nas aspirações dos pensadores e dos artistas o ideal superior da sociabilisação da arte, apeando-a do throno abstracto onde a tinham isolado. Quem ousará hoje discutir, como em 1830 fez Lamartine, se a photographia é uma arte, —quando a arte tenderá cada vez mais a enobrecer e a encantar as cousas de uso commum na vida, de maneira que tudo quanto nos é util encontre a expressão bella que lhe fór adequada?

Entretanto, depois que a pratica da photographia se generalisou entre amadores, quantas camaras foram e estão sendo apenas os gramophones da luz!

Contudo, desde que a pratiquemos estheticamente, pela photographia teremos a possibilidade de sermos todos um pouco pintores. Por ella poderemos adquirir a faculdade preciosissima de *saber ver*, não com os olhos distrahidos de quasi toda a gente, mas com olhos que amam, ao destrinçar e com-

pôr as cousas do universo, a porção de infinita belleza que sempre lá reside. Estarão os amadores portuguezes, na sua grande maioria, convencidos de estas noções ligeiramente expostas, e correntes hoje

nos paizes onde se pratica a photographia esthetica?

Seremos forçados a duvidar, se nos lembrarmos das ultimas exposições realisadas em Lisboa, do resultado de alguns concursos abertos em revistas e do que particularmente conhecemos¹.

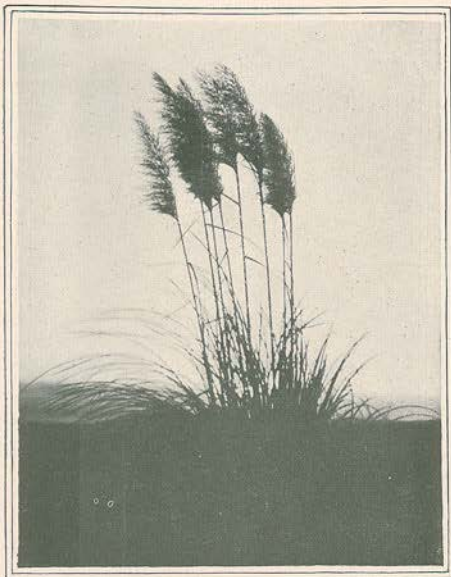
Os clichés que acompanham estas palavras são modestos exemplos de photographia de amator, obtidos á luz natural e sem o menor retoque. Em cada um d'elles foram empregadas algumas horas de sincero trabalho.

Certa paizagem, por exemplo, que apenas em determinada época do anno e sómente durante alguns minutos do dia recebe do sol uma luz linda,



Ina e Zé Maria

1. Entre as honrosissimas excepções devemos destacar *madame* Luiz de Magalhães, amadora notabilissima, de cuja obra foram expostas algumas provas na exposição de este anno em Dresde, onde todavia não foram admitidos, de entre os amadores portuguezes que ali enviaram trabalhos, sendo sua ex.^{ta} e o sr. J. Worm; o dr. Annibal Bettencourt, adepto dedicadissimo, que pôe sempre com a melhor amabilidade ao dispor dos amadores de boa vontade e talento a installação modelar do Instituto Bacteriologico, que o illustre homem de ciencia dirige; o sr. João Camara Pestana, e outros.



Penachos ao vento

belleza da agua, no mar ou nas poças extaticas, onde um *interior* se anime com a presença de quem o caracteriza, —ahi está um assumpto... se a luz fôr bem tratada, porque o sol, como diz Platão, é o primeiro dos pintores.

Outra cousa, é certo, se reclama. Mas é aquella sem a qual nenhuma obra é possível, se pretender merecer sequer dois minutos de attenção:—o cuidado de fazer o melhor que se puder, a paciencia de recommear tantas vezes quantas necessarias fôrem, enfim,—para empregar a magica pálavra que resume a belleza do esforço:—o amor.

Assim poderão afinar a sua sensibilidade e cultivar o seu gosto os que praticarem a photographia esthetica, e, praticando-a, aprenderão a necessidade de se ser paciente, o dever de se ser apurado, preparando as suas almas para a immensa alegria de admirar.

Farão os retratos das pessoas que lhes fôrem queridas, subtraíndo-as á indifferença e ao convencionalismo dos *ateliers*, e tomando-as no ambiente em que ellas viverem, rodeadas dos objectos que ajudam tanto a completar a physionomia moral, nos *interiores*, que são sempre um pouco as molduras das almas.

Fixarão as paizagens que se casarem com mais enlaçado parentesco á sua raça de contempladores, porque todo o homem é irmão ou primo de uma paizagem.

E nas nossas casas, como motivo ornamental, de preferencia poremos esses productos do nosso amor, a cada um dos quaes se liga uma recordação, muitas vezes uma saudade, —retratos e paizagens, — as paizagens da

nossa terra, tão bellas como essas que, na phrase encantadora de Flaubert, «a gente quereria apertar junto do nosso coração», sob a luz maravilhosa de Portugal.

AFFONSO LOPES VIEIRA.

exigiu uma conducta fiel de namorado, custou longos e encantados *firts*, até que fôsse possível obter a desejada expressão. Mezes ou annos volvidos sobre o momento de realizal-as, estas photographias evocam aos meus olhos alguma coisa que elles intencionalmente admiraram, e as resumidas imagens reproduzem para a alma de quem as executou um pouco do que ella amou na luz e nas linhas dos fugitivos aspectos.

Possam ellas despertar nos amadores portuguezes o desejo de fazer melhor do que eu fiz, e sobretudo afervorar o entusiasmo pela photographia esthetica, fonte de delicados prazeres espirituaes e poderoso elemento de educação artistica. Para conseguir clichés de arte, nem se requeremapparelhos excepçoes, nem é preciso emprender excursões longinquoas. Ainda no tempo de Carlos Relvas (que produziu para a sua epoca trabalhos valiosissimos, muitos dos quaes não seriam hoje admittidos n'uma exposição estrangeira) a photographia era sómente propria de ricos.

Hoje, porém, depois da simplificação industrial que os seus processos soffreram, tornou-se accessivel a todos os remediados.

E onde florescer uma arvore, onde brilhar a seductora



Onda quebrando a rocha

A FUTURA RAINHA DE PORTUGAL



Parece que a futura rainha de Portugal será a princesa Victoria Patricia, filha dos duques de Connaught, sobrinha do rei de Inglaterra e que esteve em Lisboa, pela primeira vez,

em janeiro de 1905 com seus paes e com sua irmã Margarida Victoria, actual princesa real da Suecia pelo seu casamento com o duque de Scania, Gustavo Adolpho, que se realizou



1—Duque de Connaught. 2—A princesa Patricia de Connaught. 3—Duquesa de Connaught
4—A visita dos duques de Connaught a Lisboa em 1905. N'esta interessante photographia tirada no paço de Cintra vêem-se o então infante D. Manuel, hoje rei, e a princesa Patricia de Connaught, indigitada rainha de Portugal.

em junho de 1905, mostrando-se assim ter sido fundado o boato, espalhado pela imprensa estrangeira, quando da viagem dos duques de Connaught a Portugal, de que a princeza Margarida casaria com o príncipe Luiz Filippe.

A princeza Victoria Patricia nasceu em 17 de março de 1886, no palácio de Buckingham, e quando viajou em Portugal e Hespanha também se falou do seu consorcio com Afonso XIII, noticiando-se n'essa occasião que iria propositadamente a Roma converter-se ao catholicismo. No anno seguinte o soberano hespanhol casava com a princeza Victoria de Battenberg e assim se desmentia a união com a filha mais nova do duque de Connaught que se indica para rainha de Portugal. A princeza Patricia é também irmã do príncipe



- 1—A princeza Victoria Patricia em Lisboa.
- 2—A princeza Victoria Patricia no paço de Cintra (de costas, por trás do sr. infante D. Afonso, vê-se ao lado do príncipe o então infante D. Manuel)
- 3—As princezas Victoria Patricia e Margarida Victoria de Connaught

Arthur Alberto, tendo falecido em 1884 seu outro irmão, o duque d'Albany, casado dois annos antes com a princeza Helena de Waldeck Prymont.

FIGURAS E FACTOS

A revista *Tambem pôde ser...* original dos srs. Couto Brandão e Ernesto Alves, representada no theatro da Rua dos Condes, mereceu os elogios da critica, pela forma como os auctores a fizeram, marcando intuitos bem patrioticos em todo o entrecho da peça, que foi muito applaudida. A musica do maestro Luz Junior era digna da revista, cujos figurinos desenhados pelo sr. Leitão Xavier, tinham uma cuidada linha artistica, sendo alguns d'elles deveras interessantes, como os que reproduzimos relativos ao *Supplemento do Seculo* e à *Illustração*.



O DIRIGIVEL MILITAR AUSTRIACO GRATZ I.—A conquista do espaço é o pensamento dominante das nações, tendo-se realisado n'esse sentido evidentes progressos. Após as experiencias feitas, além dos aeroplanos, com os balões militares francezes e das viagens sensacionaes dos dirigiveis allemães *Zippelin*,



1—A *Illustração* Portugueza pela actriz Dolores na revista. *Tambem pôde ser...*

Gross e Parcelal, appareceu o balão austriaco *Gratz I*, que realisou ha pouco uma curiosa travessia em tudo digna das realisadas pelos seus visinhos e rivaes.

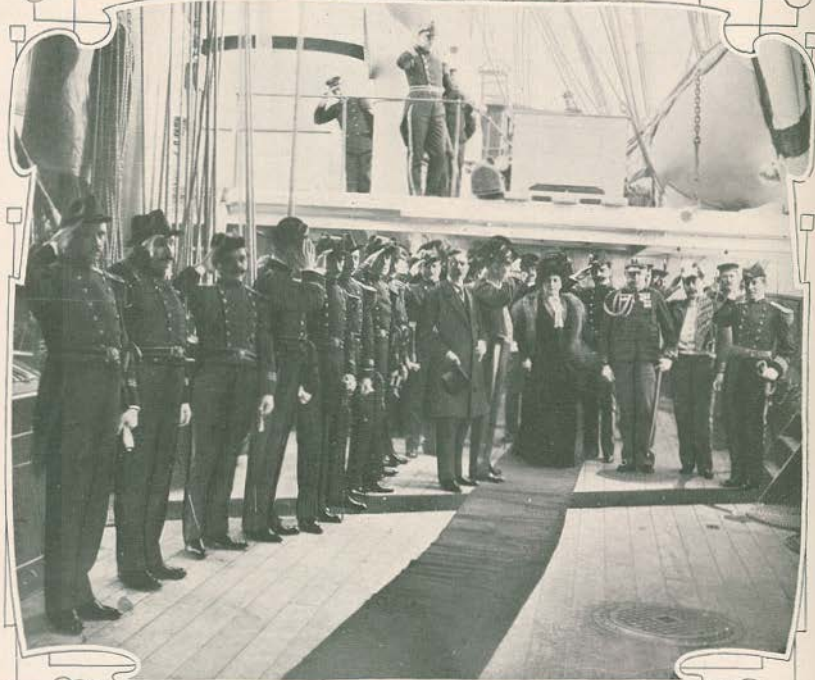


2—O *Supplemento d'O Seculo* pela actriz Leonitina na revista. *Tambem pôde ser...*



Commissão de empregados dos Correios e Telegraphos que contribuíram para a approvação do projecto de lei, da iniciativa do sr. conselheiro Alfredo Pereira, que melhorou a situação dos funcionarios-telegrapho-postaes: 1 Francisco Novaes da Cunha e Brito Souto Maior e Athayde, 2.º official dos correios; 3 Laurencio Antonio Pupo, 1.º official dos correios; 4 João Henrique dos Santos, chefe de repartição; 5 Manuel Pereira, fel-chefe dos telegraphos; 6 Francisco J. do Rego Chagas, fel-chefe dos Correios; 7 Manoel Freire, 2.º official dos telegraphos; 8 Alfredo do Nascimento Carvalho, 1.º aspirante dos correios; 9 José Antonio da Encarnação Cardello, 1.º aspirante dos telegraphos; 10 Francisco M. do Carmo Ferreira, 1.º aspirante dos correios; 11 Ernesto de Lorena Queiroz, 1.º aspirante dos correios; 12 José Pedro Germano de Manzone, 1.º aspirante dos telegraphos.

A MATINÉE A BORDO
DO "PRESIDENTE SARMIENTO"



- 1—O senhor Infante D. Afonso a bordo com o sr. ministro da Argentina, pessoal da legação e o sr. visconde de Meyrelles, plenipotenciário de Portugal n'aquella republica.
2—Um grupo de convidados para a *matinée* do dia 25 de novembro a bordo, vendo-se no primeiro plano, com alguns officiaes do navio, os representantes da China

No ESTUDO DE CARLOS REIS:

Não podia a *Ilustração*

Portuguesa encarregar a minha penna de assumpto que me fôsse mais grato. Os trabalhos de Carlos Reis impressionaram-me sempre em extremo e a elles me tenho referido muitas vezes, como a raras creações artisticas em que os olhos descansam com sincera e plena satisfação. Ha n'ellas um estranho relevo. As suas figuras vivem, parecendo que a todo o instante vão mudar de posição. Entre a imagem e o fundo da tela temos a completa illusão de que o ar circula. Julgamos que poderíamos passar, apoiarmo-nos ás costas d'uma cadeira, ou tomar logar ali como n'uma sala.

—*Eu tento copiar fielmente a natureza*, diz mo-

Os retratos dos srs. Strauss,

Mello Breyner, conde de Sabugosa e muitos outros, que figuraram na ultima exposiçõem no seu estudo, estão na memoria de todos como joias de arte de subido preço. Mas, para mim, aquelle que mais e melhor me fala ao espirito é o retrato da sua discipula, — e muito distincta, — madame Almeida Lima, ao qual se poderia applicar o dito d'um grande critico a cerca das obras de Rembrandt: o concerto que nos dá é uma surdina brilhantemente interrompida pelos tons ricos, soberanamente ricos, da carne. Vae-se, n'um crescendo de admiração, dos braços ao rosto e d'ahi aos olhos, cuja belleza e expressão nos revela uma alma femiimil de poderoso encanto.

N'esta tela, mais do que em nenhuma outra, existe, além do colorido da *propria natureza*, espaço e profundidade: dois attributos tão difficeis e tão raros.

Carlos Reis é pintor psychologo por excellencia. *Chega á alma*. E' assim que o seu potente olhar, indo tão longe, fixa na tela a personalidade moral dos seus modelos. Depois não separa a belleza da fórma e, quer na figura, quer na paizagem, mostra-nos com egual poder e brío, unicamente a verdade.

Quanto ao artista, pelas altas faculdades de espirito e coração que o distinguem, consegue não só a sympathia como real amiza-



1—O artista trabalhando
2—O retrato do sr. Constantino Fernandes
3—Retrato do sr. Antonio Martins

destamente o grande artista. Não é assim. Faz mais, bem mais: expressa-a com todo o seu vigor e grandeza. E percorrendo a gamma das côres com perfeitissimo conhecimento dos seus menores tons, não esquece nunca a harmonia, esse bello e divino attributo que é sem duvida uma das causas que permitem aos olhos dos seus admiradores tão delicados e deliciosos prazeres.

Um setim, uma sêda, que elle reproduz na tela, fascina os olhos, sobretudo os feminis, na contemplação dos seus bellos e multiplos reflexos, e quasi empresta ao ouvido a sensação agradável do seu *frou-frou*. As suas rendas tentam-nos a cubilha como se fôsses reaes e sentimos o desejo de as apalpar.

A gentil figurinha do pequenino Maximo, cujo rosto, de graciosa e fina malicia infantil, nos deixa captivos de si e do seu olhar para todo o sempre, tem um vestidinho de rendas que é um enlevo. Não ha mulher que, vendo-o, o possa esquecer, porque sêdas, rendas e velludos teem sempre no apreço das mulheres, mesmo das mais intellectuaes, um vasto e reservado logar.



de de quantos o tratam de perto. D'aqui uma grande e perfeita concordancia entre o auctor e a sua obra, razão por que se tem um sentido prazer em falar d'uma e d'outro. Não



foi, porém, sem custo que d'esta vez o grande pintor consentiu em me fornecer os primeiros materias para o meu artigo.

— Não estamos em epoca de exposição — dizia-me contrafeito.

Mas este motivo, que lhe parecia tão poderoso, era sem importancia aos

meus olhos. Chamei, pois, em auxilio a interferencia de amigos communs e consegui o que queria: — obter os seus bellos e copiosos ineditos.

Fiquei envaidecida por duas razões: a primeira por ter levado a minha a melhor, como muito expressivamente usa dizer o povo: a segunda por ser a minha modesta penna a primeira a acompanhá-los ante os olhares desvanecidos do publico.

O seu estudo ou atelier, como por cá se diz á franceza, no grande edificio do antigo convento de S. Francisco, hoje Bibliotheca Publica, Governo Civil e Academia de Bellas Artes, é espaçoso, soalheiro e bom. Seria simples, se as soberbas telas, sahidas do seu pincel, o não tornassem magnifico. Não ha ali nem a elegancia, nem o cuidado, que consiste em tornar o estudo do artista a moldura propria a fazer realçar os trabalhos expostos, e a dar ao olhar, guloso de sensações harmoniosas, combinações artisticas na disposição dos móveis e das telas. Não! Ali, desde a porta, tudo diz trabalho, e tudo revela o caracter do homem que o habita a maior parte do seu tempo.

No meio d'um escrupuloso asseio uma regular desordem. Quadros esboçados, começados, concluidos, postos ao acaso, onde melhor lhe convém, sem preocupação de visitantes que possam chegar, mas cedendo á das commodidades do seu trabalho.

Como o artista descança de pintar lendo, uma profusão de optimos livros, com em cadernações luxuosas, (Carlos Reis tem um fraco pelas encadernações bonitas), andam esquecidos, ou, para melhor dizer, lembrados sobre as caçearas, ao alcance da mão, quando o pincel a fatiga. Uma unica coisa está sem-

pre immovel no estudo do artista: é o esplendido retrato de sua mãe, collocado de maneira que elle a possa vêr de qualquer logar onde se encontre e da moldura do qual pende, não raro, uma haste de flôr, que a piedade filial, n'um culto quasi santo, ali depõe enternecida.

De resto, tudo passava, e as surpresas agradaveis á vista de trabalhos começados, são certas, quando oito ou quinze dias se deixe de ir ali. A ultima que tive, foi a da tela que representa as filhas da sr.^a marquez de Fayal: é um primor a respeito do qual quanto se possa dizer é pouco.

Carlos Reis entende a arte como o celebre Bastien Lepage, o grande creador da moderna escola. Nunca aindou, emendou, ou attenuou os erros ou defeitos da natureza. Ha n'elles tambem o seu encanto.

Colorista exímio, notavel entre os notaveis, é, por assim dizer, um apaixonado da cor e da luz, que elle distribue com rara discreção e mestria em todos os seus cambiantes. A paizagem, a figura, o nú, os assumptos historicos ou mythologicos, tudo o interessa, prende e captiva: tanto e tanto, que o portiam em grandissima difficuldade, se lhe existissem que manifestasse uma preferencia.

A sua phantasia é de extrema volubildade, de que elle se desculpa, dizendo que essa qualidade é de tal forma inherente ao homem que, não lhe achando logar no coração, se lhe installou no cerebro: *em alguma parte havia de estar.*

Admirador incondicional da antiga escola classica, ser-lhe-hia impossivel imital-a, não por falta de facultades, mas de vontade. Cada um é do seu tempo: e quem hoje quizer seguir os antigos preceitos, poderá ser um excellento imitador, mas nunca passará d'isso.

A natureza é a grande mestra. a unica que pôde tornar grandes os seus discipulos.

Carlos Reis tem a sua maneira, muito pessoal, e tão nitida quanto infundivel. O seu espirito tolerante segue, desde o periodo primitivo, em que a arte nada nos diz ao coração e tão



1.—Retrato do sr. Armando da Silva.
2.—Retrato do sr. Avelino Monteiro.
3.—Paizagem portugesa.

pouco chama os olhos, n'uma contemplação admirativa, o estudo dos grandes mestres. Extasia-se ante a aurea pleiade da Renascença — Raphael Sanzio, Leonardo de Vinci, e Miguel Angelo e vem até nossos dias.

Mas não é só a escola italiana. Da nollandeza, com Rembrandt, Rubens, Van-Dyck e Franz Hals; da hespanhola, com Velazquez e Greso; da ingleza, com Reynolds e Gainsboroug; de todas, enfim, estuda conscienciosamente os temperamentos, porque, como Taine, elle affirma que cada uma d'ellas reflecte *um povo, o seu paiz e o seu clima*. Mas, mais especialmente ainda, é Silva Porto que elle estuda, mestre querido, á memoria do qual conserva no coração todo o lugar que elle em vida occupou (o melhor e maior monumento que o homem sabe e pode elevar) e cujo nome deu como honra á benemérita sociedade que fundou.

Elle, o pintor mais polychromo possível, tomado em tudo e todos o que encontra de admirável, acaba até por se encantar ante as telas de Carrière, pintor que é quasi monochromo!

E, figuradamente, não se poderia chamar monochromo a Carlos Reis?

Estou ouvindo d'aqui um forte clamor de protesto.

Pois podia. E sabem porquê? Porque elle faz da luz o que ella propria se faz: uma tño sabia distribuição, que unifica, gloriosa e victoriosamente, as côres.

Mas, voltando ao que vinha dizendo. O grande artista não admira só aquelles nomes quasi divinos, que resoaem aos nossos ouvidos como notas de clarim entoando victoriosa marcha de guerra; não é unicamente essa *fanfarre de fer*, como felicissimamente diz o grande sonetista Heredia louvando as tres rimas do Dante, que o detem; para tambem em frente dos que, menos cotados, os acompanham na sombra. Desempoeira-os, expões á luz e aponta, com desvanecido interesse de quem ama a arte pela arte e tem a consciencia lavada de todo o mesquinho sentir, as bellezas que para muitos passam despercebidas.

Conversar com elle a meudo sobre pintura é fazer um curso muito original e agradavel sem que o mestre o presinta.

Os seus discipulos (alguns conheço de merito real e comprovado) teem por elle, não só estima e respeito, mas muita amizade. Para elles

Carlos Reis não é o mes-



tre no sentido vulgar da palavra: é mais, muito mais: é o amigo, o director, a *consciencia artistica* da sua propria consciencia, quer lhes aprecie os trabalhos com justiça, quer lhes festeje os progressos com prazer, ou lhes note os erros com benevolencia amiga. Alves Cardoso, dos que eu melhor conheço ó mais illustre, e que ha pouco nos voltou de Paris, tem

pelo seu mestre, como todos os outros, o mais enternecido affecto, e enleva-se nos seus triumphos como se fôsses proprios. Na sua conversação, a todo o proposito *mestre Reis* tem sempre as mais carinhosas referencias e o nome do seu mestre é o seu primeiro titulo de gloria. Não admira. Quando Carlos Reis diz *os meus rapazes* emprega um tal accento que se ignora, se é aos filhos, se aos discipulos que se refere. E' que elle já um dia me confessou que os olha como creações suas e tem n'elles mais vaidade do que em todas as suas outras obras. Procurou sempre desenvolver n'elles as suas aptidões individuaes e d'isso se regosija e applaude, pois que, os de merecimento, teem todos a *sua maneira* muito propria e original.

Não pude furtar-me a perguntar-lhe porque razão existe entre nós uma cadeira de paizagem.

—Eu lhe explico. Cá é necessaria: *lá fora* não existe porque não é precisa. Ha mestres que se estabelecem no campo e se rodeiam ahí de discipulos que elles guiam. Aqui, onde temos nós mestres que habitem permanentemente o campo? Ora, sem guia, por grande que se a vocação, não se pode fórmr ninguém. D'aqui a necessidade absoluta do ensino official de paizagem. Não digo que esta cadeira, creada ha muitissimo tempo, não tivesse tido em vista favorecer alguém. Não profundi isso. Sei apenas que é util e racional e, — coisa de espantar na nossa terra! — é um pensamento original! Só n'isso tem um merito singular, terminou gracc'ando.

— Ha de dizer que sou massadora; mas que-

ria ainda perguntar-lhe como teve a idéa de fundar a Sociedade de Silva Porto.

—Essa iniciativa foi-me suggerida no decorrer d'uma conversa que tive com o dr. Silva Carvalho em viagem que fiz ao campo no desempenho da minha missão official de pintor paizagista. Oito dias depois estava completamente organizada com o auxilio dos sr.



1—A filha do artista
2—Retrato do sr. Evaristo Monteiro Ramalho



3—Retrato do sr. conselheiro Cabral Metello

conde de Penha Garcia, dr. Silva Carvalho, conselheiro José d'Azevedo Castello Branco, Gabriel Pereira, Zacharias d'Alca, José de Mello, Caetano Pinto, Affonso Vargas, Abel Botelho e outros, conseguindo-se em poucos mezes duzentos socios aproximadamente. Pagam a quota annual de mil e duzentos réis c. ha oito annos, todos os alumnos matriculados na aula de paizagem teem feito annualmente uma excursão de estudo ao campo pelo espaço d'um mez, sendo pagas as despesas da viagem e do hotel por conta da Sociedade. Com os trabalhos feitos n'esta excursão faz-se a exposiçõ annual e, finda ella, realisa-se a tombola dos trabalhos que os excursionistas são obrigados a ceder aos socios, que por aquelle meio são recompensados da sua benemerencia, quando a sorte os protege.

—E' um alto empreendimento que muito merece ser apoiado.

Depois, a proposito de excursões ao campo, evocou, com o prazer que todos sentimos ao falar do passado, mas com o colorido especial que elle sabe dar, não só ás suas telas, como á sua palavra, as gratas recordações de estudante, em que os episodios galantes e picarescos dariam um volume de alegre e saborosa leitura.



1—Retrato de creação

protagonista de Moreau-Vauthier não tenha *senão*; para nós tinha, mesmo que não conhecessemos Carlos Reis. O seu *humour*, apenas apontado, não tem sombra de chiste portuguez, que elle tio espontaneamente cultiva: as suas aneddotas, algumas das quaes ficarão historicas, como tudo que toca aos talentos privilegiados, não tem a côr e espontaneidade que, despreziosamente e como por acaso, elle lhe sabe dar. E' um bonito livro o de Moreau-Vauthier. Mas, a figura que elle quiz reproduzir, torno a affirmar, vale mais e é melhor.

MARIA O'NEILL.



2—As filhas do sr. marquez de Fayal
3—O artista

Na pintura Carlos Reis não é só um grande mestre: é tambem um apostolo da arte. Como homem, um espirito elevado, gracioso, brilhante e fino, cheio de imprevisito.

Moreau—Vauthier tentou imital-o no seu livro *Les Rapins*, mas não soube dar do seu caracter senão uma frouxa e pallida idéa.

Elle vale mais e melhor.

Na jornada do *rapin* portuguez para Paris tornam-se bem salientes as suas qualidades de meridional intelligente e vivo; mas nas scenas de *atelier* e do *quartier latin* não se destacam bem os attributos, genuinamente portuguezes, que são um dos encantos do caracter do illustre pintor. Na scena em que *Camões* vae um pouco longe com Alice, devido aos fumos da ceia, o auctor descreve um francez e não um peninsular.

Tenho notado, não só n'este, como em outros livros de lidos e apreciados auctores, que não ha nada mais difficil que descrever bem um estrangeiro aos olhos dos seus compatriotas. E' possivel que, para francezes, o typo do



Assinatura da «Ilustração Portuguesa»
para Portugal, colónias e Hespanha

por anno.....	48.000 réis
« semestre.....	24.000 «
« trimestre.....	12.000 «

Assinatura conjunta da «Jornal», Supp-
lemento Humorístico do Seculo e da «Ilus-
tração Portuguesa»

Portugal, colónias e Hespanha	88.000 réis
« semestre.....	45.000 «
« trimestre.....	23.000 «
« mez te L.....	7.000 «

COMPRAS

Sedas Suissas

Pecam as amostras das nossas
Novidades em preto, branco e cor,
**Eolienne, Cachemre, Shan-
tung, Duchesse, Crêpe de
Chine, Côtelé, Messaline,
Mousalino**, largura 120 cm, a par-
tir de fr. 1,25 o metro, para vestidos,
bluses, etc., assim como as **bluses e
vestidos bordados** em batiste,
li, tulle e seda.

Venhem as nossas sedas garantidas
solidas **directamente** aos **can-
sionadores - francas do porte a
domicilio**.

SCHWEIZER & C.^o
Lucerne E II. (Suissa)

Exportação de sedas Fornecedores da Corte Real

EM 20 DIAS CURA RAJICAL O INFALLIVEL

ANEMIA

CÓRES PALLIDAS
CHLOROSE, CONVALESCENÇA

Elisir de S. Vicente de Paula

Em todas as Pharmacias ou no DEPOSITO GERAL
DRIEUX & DELIGANT, Rua dos Sapateiros 16, 1.^o LISBOA
ou Paris e frasco franco porte em todo Portugal
FLOILLE, Huzé, 2, Faubourg St Denis, PARIS

Coke inglez

PARA COSINHA

mais economico

R. Conceição, 17, 2.^o

Telephone 1738

REEMBOLSAM O DINHEIRO
a quem não tiver tirado resultado

na BRONCHITE

TOSSE, ASTHMA

TISIS PULMONAR

empregando o

XAROPÉ FAMEL

PARIS
86, Rue de la Harisson
PREÇO: 800 REIS
franco de porte em todo Portugal por: 1.200.

DEPOSITO GERAL
15, RUA DOS SAPATEIROS, LISBOA

Uma fortuna gasta em livros



Um livro para cada lar

Estupenda generosidade
do dr. X. La Motte Sage, presi-
dente de
uma notavel instituição
de ensino

Dr. X. LA MOTTE SAGE, A.M., PH.D., I.L.D.
O philantropo que está gastando uma fortuna
em livros

O dr. X. La Motte Sage, está gastando uma fortuna com um livro o qual será entregue em casa de qualquer pessoa, sem que para isso seja preciso mais do que fazer-lhe o pedido por escripto. E' a obra mais notavel que se tem escripto até hoje, sobre o Magnetismo individual, ou Hypnotismo e o seu emprego para ser feliz. Cheio de informações praticas e do maior interesse, é justamente o que necessita o joven aprendiz da vida, para crear energia e coragem, tornar-se magnetico, a fim de poder vencer todos os obstaculos, e chegar á prosperidade. O homem de meia edade, achará o meio de adquirir e conservar amigos, de tornar-se chefe influente, dirigir o espirito de seus collegas em negocios, de marcar o seu logar na vida. Os paes saberão de que modo abrandar o mau genio de seus filhos, desenvolver as suas faculdades mentaes e moraes, banir as doencas, auxilial-os a tornarem-se homens de bem e mulheres honradas.

Era precisamente o que faltava ao clero, para sustentar a fé vacillante e fazer com que os maus espiritos voltem á moralidade, á honestidade e ao caminho do bem. E' o que ajuda o advogado a influenciar o jury, indicar testemunhas, e expór os seus argumentos, com tanta força convincente. E' o que permite a todas as pessoas gozar todas as felicidades e todo o bem estar possiveis. Não pôde conseguir uma boa posição, não pôde ganhar dinheiro, quem não conhece a força secreta, que domina os pensamentos e o espirito human. Quem já for bem sucedido, pôde ainda elevar a sua posição aprendendo a dominar essas forças secretas. E' preciso saber empregar a força magnetica que a natureza lhe deu.

No livro do dr. Sage, vê-se que todos nascem com esta força occulta e poderosa, que todos podem com facilidade desenvolvê-la, sem que mesmo os mais intimos amigos o percebam; que podem enfim, dominar secretamente as pessoas forçando-as a fazer as nossas vontades. E' realmente uma força extraordinaria, capaz de fazer um bem immenso.

Publicamos em seguida trechos de cartas de algumas pessoas que tiraram proveito de nosso ensino:

«Tenho muita satisfação de ter a oportunidade de lhe communicar o quanto apreciei os seus preceitos sobre o Magnetismo individual, o Hypnotismo, a medicina magnetica, etc. A primeira vez que fiz experiencia com resul dados, fiquei admiradissimo, pois julgava que fosse uma burla, e os resultados surpreenderam-me. Fiz experiencias sob e experiencias, e sempre fui bem successo; nunca houve uma só falla. A linguagem empregada no seu livro, é simples e de fácil comprehensão. Tenho a convicção de que qualquer pessoa pôde aprender o seu methodo, em a menor difficuldade. Desejando-lhe todas as prosperidades, assigno-me, com todo o respeito, Thomas Hamer-ly, 119, Ho pital Street, Near iwich, Cheshire, Inglaterra.

«Ha já algum tempo que escrevi a v. ex.^a sobre os resultados que tenho obtido com o est do seu livro sobre Hypnotismo, etc. Todos os elogios que lhe fizesse se iam escassos; é a melhor obra que tenho lido. Tenho recebido outros livros, mas não ha comparação possivel com o de v. ex.^a Uma hora depois da leitura do livro, hypnotisei uma pessoa; depois tenho hypnotizado centenas de pessoas mais, e curado muitos doentes. Desapparecem, como por encanto, as dores de dentes e as enxaquecas. V. ex.^a pôde fazer d'esta carta o uso que entender, e indicar-me a todos como seu adepto. William F. Bennes, The Staves, Phillipshugh, Selkirk, Scotia. d.»

«Com o maior prazer, reconheço o pro eito que me trouxeram as suas lições. O conhecimento e o emprego d'ellas, permitem ter uma existencia melhor, mais agradável, mais venturosa, e de grande utilidade aos nossos semelhantes. Com toda a estima. O. L. Everingham, Grafton, New South Wales, Australia.»

O dr. Sage resolveu imprimir 20.000 exemplares do seu novo livro, para distribuir gratuitamente. Os livros, que são elegantemente illustrados com as mais lindas gravuras, não são ornamento u il em qualquer bibliotheca. Desejando conhecer os segredos do Hypnotism, a sciencia maravilhosa do nosso tempo, do Magnetismo individual, da suggestão, da medicina magnetica, e outras sciencias similiares, basta escrever pedindo um exemplar d'este livro notavel, que lhe será enviado sem demora e gratuitamente para o endereço indicado. Será uma fonte de surpresas, prazeres e proveitos maiores do que a lingua humana pôde exprimir. O dr. Sage dá esse livro, para utilidade publica, e está persuadido que ha n'esse acto mais utilidade do que fazer-se donativos em dinheiro a hospitaes, bibliothecas publicas e outras instituições sui generis. Esse livro é mais necessario aos adolescentes, do que a educação dos collegios, e o dr. Sage faz presente d'elle não sómente para o uso particular, mas também para ornar um bibliotheca, ou levá-lo ao bolso. Como as despesas para o preparo e impressão d'esse livro são grandes, sómente qui m se interessa por es a questão, querendo melhorar a sua sorte, deve pedir-o. Para obter um exemplar gratuito, e escrever ao «The New-York Institute of Sciences», Dept. 1518, F. Rochester, N. Y. U. S. A.

O porte das cartas para a America é de 50 réis. Os bilhetes postaes são de 20 réis.

Penteados elegantes



Uma verdadeira maravilha na arte de fazer, em si proprio, esses penteados modernos que tanto embelezam a mulher, são os **Frisadores Electricos de Wasi**.

Não é necessario aquecer-os, não tem gumes nem pontas que possam maltratar a cabeleira ou as mãos.

Estes **Frisadores Electricos** são de facil manejo, frisam e endulam em 12 minutos e duram toda a vida.

Preço de 3 frisadores, 600 réis; pelo correio, 650 réis.

O **Sabonete de Verbena** calcificado destroe as espinhas, cura a caspa, conserva suave e perfumada a pelle, delecta o banho. A pastilha é grande, solida e dura muito tempo. **Observe-se** seus resultados.

DEPOSITO GERAL: Rua do Arco

durante duas semanas. Preço 300 réis. do Bandeira, 44, 3.º — Lisboa.

A venda nas seguintes casas:
 Perfumaria Balsemão — Rua dos Retrozeiros, 141.

O melhor alimento

É O Grape-Nuts

ALIMENTO moderno para crianças e adultos. A melhor e mais leve alimentação para ser tomada ao almoço, ao lunch e à ceia. Todas as pessoas que tem excessivo trabalho intelectual devem tomar este precioso preparado alimentar. *Não precisa ser cozinhado. Vende-se em pacotes de 300 réis. PEDI EM TODA A PARTE.* Elle vos reconstituirá as forças perdidas, dando-vos ideas novas, boa disposição e melhores digestões.



AGENCIA DE VIAGENS

R. Bella da Rainha, 8-Lisboa

Ernst George

SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo
 Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.
 Cheques para hotéis.

Viagens baratissimas À TERRA SANTA

Madame

O passado, presente e futuro revistado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa



Brouillard

DIZ o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chronancias, chronologia e physiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambroze, d'Arpenigny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathogoria, a qui n predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete:

43, RUA DO CARMO, 43, sobre-loja — LISBOA

Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.

Para encadernar a

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Já estão á venda bonitas capas em percaline de phantasia para encadernar o primeiro semestre d'este anno da *Ilustração Portuguesa*. Preço 360 réis. Envia-m-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remittida em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontispicios respectivos.

Administração do **SEculo** — LISBOA



GRATIS 125 machinas fallantes

De accordo com o fabricante resolvemos distribuir durante o corrente mez absolutamente GRATIS estas magnificas machinas modelos de 1909. Remettem-se catalogos e condições a quem enviar uma estampilha de 25 réis á **CASA SIMPLEX**.

BICYCLETES DISCOS E MACHINAS FALANTES.
J. CASTELLO BRANCO, Rua do Socorro, 48 e Rua de Santo Antão, 32 e 34 — LISBOA.